

PASSE E WITZ

Referência: Vieira, M. A. Passe e witz. In: Holck, Ana Lucia Lutterbach; Santos, Andréa Reis (Org.). O que se passa? Análises lacanianas e outras histórias. Rio de Janeiro, Subversos, 2012, v. 1, p. 123-148.

[Clique aqui para ampliar](#)



Ana Lúcia Lutterbach Holck: Nosso entrevistado de hoje é Marcus André Vieira. Marcus André foi mais-um de um dos dois Cartéis do passe de entrada, na época em que a admissão para membros na EBP era feita a partir do passe. O texto sugerido por ele foi o "Discurso da Escola Freudiana de Paris". Esse texto foi escrito dois meses depois da "Proposição 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola".

Um texto difícil que nos deixou, Marcus e eu, em dúvida se deveria ter sido mesmo escolhido, pois faz muitas referências contextuais de situações e de pessoas da época que não conhecemos. Mesmo assim, achamos que valia a pena. Não estamos naquele contexto, mas, a partir dele, podemos "cercar" a "Proposição", abordamos a "Proposição" por um lado menos habitual.

Marcus tem uma proposta muito bem definida e, justamente por isso, tendo em vista que se trata de um texto extenso e com muitas referências, pensamos que o trabalho deveria ter um eixo preciso para não nos perdermos nas discussões. Então, passo a palavra para que ele nos diga o que pensou.

Marcus André Vieira: Boa noite, e obrigado, Ana Lucia. Em relação ao cartel do passe de entrada, a Stella também fazia parte dele, bem como o Celso Rennó, Jésus Santiago, Nora Gonçalves e eu.

A propósito desse texto, eu me perguntava por que Miller o colocou nos *Outros Escritos*. Vocês sabem que ele concebeu os *Outros Escritos* em espelhamento com relação aos *Escritos*. Pois bem, neste volume, a seção, digamos, de textos institucionais, está composta pela "Proposição", ela "Nota italiana", o "Ato de fundação" e este que vamos abordar. Por que este? Penso que é por este texto ser uma espécie de comentário da "Proposição". Um comentário ferino, que responde às inúmeras reações as mais passionais que a "Proposição" causou. Ele traz o frescor e a vivacidade daquele momento de criação da proposta do passe, renovando algo para nós, posto que estamos acostumados aos textos canônicos que repetem o que já ouvimos.

Esse escrito atira para todos os lados, pois ele responde basicamente às inúmeras críticas em *off* e não a alguma contestação pública ou conceitual. Afinal, quem ia discordar abertamente de Lacan? Então Lacan reage a essa avalanche disforme respondendo com alusões e indiretas. Todos os golpes que ele desfere possuem endereço, mas não temos muita ideia da maior parte deles. Por isso, então, combinamos, e Ana Lucia insistiu com toda razão, que eu trouxesse apenas duas ideias que me pareceram interessantes para nossa discussão. Elas dizem respeito ao *recrutamento pelo inconsciente*, que é o termo que costumamos usar, lembrando que o termo de Lacan referido a essa ideia nesse texto, logo na abertura, é *triagem*.

Duas solidões

♦ Este texto é a transcrição de uma MESA DE PASSE ocorrida em 14 de setembro de 2009. Esta atividade, coordenada por Ana Lúcia Lutterbach-Holck na EBP-Rio de 2011 e 2011 originou a publicação. O texto de referência era "Discurso da Escola Freudiana de Paris" de J. Lacan, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

Partimos sempre da ideia de que a relação entre o ato instituidor do analista, o ato de nomeação do analista, tal como ele chama no texto, é do analista e deve estar articulado ao ato analítico. É exatamente o que a "Proposição..." tenta demonstrar. O analista se institui a partir de sua análise e não de algum diploma ou garantia de sua sociedade. Nós, já dentro do lacanismo, achamos quase óbvia essa articulação. Lacan, não. Ele está num momento nascente, isso é muito claro no começo do texto, por isso destaca, antes de mais nada que, se há algo que a Escola deve realizar é justamente garantir essa vinculação entre o ato instituidor e o ato analítico. Portanto, em vez dela instituir, era garante a instituição dos analistas a partir de suas análises.

Na abertura, Lacan passa retoricamente por outros modos de realização deste ato instituidor, esse ato de conferir um diploma, que poderia se dar pelo lado da burocracia, ou pelo lado da exceção. No primeiro, é um saber anônimo que nomeia, no segundo há todo um jogo em ser Um, um de exceção, que nomeia. Aqui ele insiste na diferença entre ser o único [*être le seul*] e estar sozinho [*être seul*]. É bem verdade que ele era uma exceção na EFP, mas não é desse lugar que ele a funda, ou propõe o passe. Lembrem-se que seu "Ato de Fundação" começa com "tão só...". Respondendo a seus críticos ele afirma que não se referia à solidão do poder, do pai, mas à solidão daquele que, após ter esvaziado seu Outro ao longo da análise, só pode contar o mais singular de seu sintoma para se haver com os outros da vida.

Lacan não recusa as nomeações pela burocracia ou pela mestria. Ele endossou, inclusive a primeira lista de AME e de AE da Escola dele. Quando vem com sua "Proposição..." é para definir uma nova modalidade de nomeação a partir do passe. Então, ele assume que "vamos continuar com essas listas nomeadas pela Seção", ou seja, as da burocracia, mas a proposta de Lacan acrescenta algo como: vamos construir um dispositivo para que haja, algo analítico a incluir nessas nomeações, que elas não se restrinjam ao *pese-personnes* à triagem de pessoas.

"A mais" institucional

Em nosso último encontro, a proposta do Romildo, era de que haveria um "a mais" do passe como dispositivo institucional com relação ao passe ocorrido na análise, que costumamos chamar de passe clínico. Há o que acontece em uma análise e algo a mais, feito em termos de ficção, histerização ou colocação em cena de algo que aconteceu na análise, para que se possa chegar ao dispositivo do passe. Se me lembro bem, a questão era de marcar uma diferença entre as duas dimensões, a do passe institucional e a do passe clínico.

É preciso deixar claro que essa diferença não é de modo algum a mesma que acabo de marcar no texto de Lacan, entre os outros dispositivos institucionais e o passe. Havia um poço entre a nomeação e o ato analítico. Apenas porque alguns eram nomeados, pelo *establishment* "didatas" é que essas análises tinham valor de nomeação, não havia nessa nomeação nada que se referisse ao que ocorre em termos de nomeação em uma análise.

O que o passe vem trazer é justamente a possibilidade de uma articulação entre as duas dimensões. Há diferença, entre o que vale como nomeação institucional e a nomeação em uma análise, mas o passe é uma tentativa de subordinar à primeira à segunda, o institucional busca seguir o ato analítico enquanto que os dispositivos da IPA ignoravam-no.

Com o passe o fosso é transposto, mas não desaparece. Acho que é isso que enfatiza a diferença trazida por Romildo entre o passe clínico e o institucional, indicando o quanto haverá necessariamente um tanto de artefato no segundo com relação ao primeiro. Há algo da estrutura do ato analítico, do que acontece na solidão da análise, que se mantém no passe como dispositivo, mas, a princípio a passagem para a Escola não é apenas mais do mesmo. Um é o prolongamento do outro, mas a passagem para o público envolveria um "a mais". Esse é nosso debate.

O que estamos chamando de passe clínico é a expressão proposta por Miller para o que Lacan chama, neste texto, de passagem do analisante à analista, que ocorre em uma análise. Como se vê, a passagem na análise não é, mesmo aqui, idêntica ao que vai ocorrer depois, no dispositivo do passe. A Proposição de Lacan diz respeito a passagem institucional, e não ao passe na análise.

Para fazer avançar a discussão e conectar com o que traz Lacan neste texto a pergunta seria: o que faz o link na proposta de Lacan entre o que ocorre numa análise e o que vai ocorrer numa instituição? O que faz o link entre o ato analítico e isso que ocorre na instituição que vai nomear o analista?

Dadas estas premissas, até que ponto o dispositivo do passe é necessário para que se possa dizer que se terminou uma análise, ou há aqueles que não precisam disso? Qual a relação entre esses dois extremos da passagem, da passagem clínica e da institucional, nesse texto?

Witz

O passe institucional tem uma estrutura, e Lacan responde sobre ela, algumas vezes de forma divertida: "vocês não percebem como a estrutura é fácil, como ela é leve, apenas é a estrutura da terceira pessoa". O passe inteiro, segundo ele na terceira parte do texto, responde à terceira pessoa, a estrutura do *Witz*. Essa passagem é explorada por Jacques-Alain Miller em seu curso, e também em *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*¹. Então, com relação a esse ponto eu lançaria duas ou três ideias para começarmos a discussão.

A primeira seria a de que é possível que um passe faça graça, mas não é por fazer graça que nós estamos falando da estrutura do *Witz*. Estamos falando da estrutura do *Witz* em Freud, sobre a terceira pessoa, e não está excluído que haja efeitos de chiste, que haja efeitos de riso, mas não seria esse o motivo da referência de Lacan. Se fosse para escolher um, eu ficaria com o efeito surpresa, que é algo marcado por Freud e por Lacan.

Há que haver um efeito de surpresa. Mas ele, no passe, não ocorre no destinatário a quem a produção se dirige. O passante fala para o passador, se usarmos os termos de Freud, o passante é o agente e o passador é o objeto, mas essa produção significativa é enviada para o terceiro, o cartel, que explicitamente não faz parte da situação dual do *witz*. É como se a função da terceira pessoa no *Witz*, que é apenas uma função, quase virtual, em Freud, passe a ser encarnada necessariamente por uma instância no dispositivo de Lacan, o *jury*, mais tarde o cartel do passe. É nele que deve se verificar o efeito de surpresa.

Na estrutura do discurso do mestre, ocorreria algo do tipo: o passante se dirige ao passador, e o efeito esperado ocorreria 'por trás' do passador. O cartel do

¹ Miller, J.-A. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

passa-se postaria como o 'grande analista'. O passante enviaria para o passador sua produção, esperando que o grande analista diga: sim você está certo.

Essa estrutura não é do Witz. Nessa, o passador, para quem se dirige o Witz, é uma espécie de objeto, é o meio para que se produza o efeito do Outro que ouve, o Outro que ri, o Outro que endossa. Então, seria muito mais no registro da surpresa, do ponto de vista do cartel, do que num registro que endossaria uma produção correspondente ao que seria o fim de uma análise. Assim, você produziu algo que supomos corresponder ao fim de análise, portanto, você é analista. Isso é a materialização da estrutura do Witz, por meio de uma encarnação institucional da terceira pessoa do chiste freudiano. É o que temos que discutir com mais detalhes.

Aquele que lança o witz não tem prazer com ele, pois para ele há inibições, nos termos de Freud, recalques diríamos nós, justamente aquelas que serão curto circuitadas pelo Witz. Aquele que recebe o Witz também não terá prazer puro porque terá suas inibições vencidas pelo Witz. Assim, quem está na terceira posição é que terá o bom prazer, livre, pois ele rompe a porta das inibições.

Essa estrutura com essas três funções, no livro do chiste, é a função da terceira pessoa. Lacan a aproxima do grande Outro e de uma série de coisas, e Miller a aproxima ao cartel. Então o cartel – júri, em francês – o cartel se surpreende com aquela produção nova, que é ao mesmo tempo reconhecida e endossada como tal.

Podemos ter uma ideia de como isso pode ter consequência, algo simples assim. Se isso funciona em uma instituição, podemos também imaginar em termos de recrutamento. Acho que foi assim que Miller pensou a proposta do passe de entrada, e podemos pensar algo dessa estrutura para alguém que vem para contar como foi a sua análise, ou mesmo como foi o seu percurso antes de entrar em análise.

A ideia é de que a instância que julga poderia se surpreender e, por isso ela não exatamente apenas exerceria o poder de dizer sim. Seria preciso que aquele que deseja entrar traga, além do desejo, algo a mais para que a instância que o recebe não apenas se satisfaça com o cumprimento do que supostamente é esperado, mas que ela se satisfaça com a surpresa. Isso tem importância na discussão para a entrada na Escola, para a função do Conselho, para os membros.

Ana Lúcia Holck: Marcus traz hoje algo bem interessante. Essa passagem de analisante à analista é o que acontece em uma análise, e Lacan fala muito a esse respeito. Não dizemos que alguém é analista é apenas por considerar sua clínica, seu talento terapêutico ou por isso ou aquilo, mas por sua própria análise. Então, acontece algo nesse dispositivo analítico, nessa passagem de analisante à analista. Lacan quer fazer com que a Escola tenha um dispositivo que não se baseie nos diplomas ou nas experiências clínicas, supervisões etc. É preciso que seja algo da análise, que participe de sua lógica, apesar de não ser mais a análise.

Leda Guimarães: Eu queria esclarecer uma colocação que você fez, sobre o que você vem traçando da relação entre o fim de análise, o passe clínico e o passe institucional. Então, quando você disse que os que terminam a sua análise precisam do passe institucional, precisam como, em que medida, de que maneira?

Marcus André Vieira: Por enquanto, me colocando no plano desse texto, há uma passagem de analisante à analista destacada por Lacan, e ele propõe que a instituição

trabalhe a partir daí. Então, ele faz a proposta de que se possa recolher essa passagem e ele concebe o dispositivo do passe, a partir de estrutura dom witz, para recolher o se possa transmitir dessa passagem. Até esse ponto, seguimos bem. Uma questão seria saber que efeito o funcionamento desse dispositivo tem sobre as possibilidades para os analisantes de terminarem suas análises. Haveria algum? Qual a incidência do dispositivo do passe sobre as análises na Escola? Não costumamos fazer essa pergunta realmente a sério. A princípio, a gente se satisfaz com a ideia de que o dispositivo do passe recolhe algo do ato analítico, e que o ato analítico ganha com o dispositivo do passe – que era um pouco a outra proposta de Lacan, de recolher, de seriar as experiências.

Stella Jimenez: Bom, o que o Marcus vem chamando a atenção desde a outra vez é que o passe institucional não é o ato porque não poderia ser, segundo Lacan, o ato do ato. O passe pressuporia a estrutura do *Witz*. O dispositivo do passe teria uma estrutura de formação do inconsciente, ou seja, que responde mais ao inconsciente transferencial do que ao real. Agora, nesse efeito surpresa, digamos, de surpresa ou de algo que sanciona o novo, que o cartel sente a partir do depoimento, algo do ato estaria implicado. Ou seja, não seria formação do inconsciente no sentido transferencial puro, e, já que o ato está incluído aí, há uma pura surpresa. Então, logicamente, não se pode pensar em ato do ato, mas tem algo que se poderia pensar do ato, tem algum ato que poderia ser o ato do passante. Quando ele fala que se pode separar o ato nomeador, digamos, do cartel, do ato analítico, isso tem a ver com um certo fiasco. O que você pensou sobre isso?

Marcus André Vieira: Fiquei fascinado. Primeiro, um comentário sobre o clima do texto. Certamente, Lacan não é tão exigente como nós quanto a um uso rigoroso do termo "ato". Ele chama várias coisas de ato, e ao contrário de nós que o reservamos para coisas mais nobres. Por isso ele sempre permite falar "ato instituidor" para falar da distribuição de diplomas. Sobre o ato em geral, quando ele fala que não há ato do ato, segundo o clima geral do texto, ele quer dizer: minha proposição não é isso tudo, vocês estão muito apavorados com essa proposição e não pararam para ver. Parece haver algo do contexto, que vai no sentido de baixar a bola da "Proposição..." até para que ela seja melhor aceita, mas também porque ela não é a entronização do santo analista no céu da psicanálise e muito mais um efeito de surpresa causado em alguns, efeito que os autoriza a dizer que este relato merece ser apresentado à comunidade em geral para que ela possa refletir e aprender sobre o final de uma análise.

Nesse contexto, ato é algo mais geral. Mesmo assim, quando ele diz "não há o ato do ato", temos que nos virar com a ideia de que há qualquer coisa do ato analítico no ato de nomeação do cartel, pois senão voltamos ao fosso da IPA, de que falei no início, mas não que ele seria um segundo ato em cima do primeiro. Não se pode considerar o ato do cartel com um valor maior do que o ato da produção do testemunho.

Você tem toda razão de marcar que não se pode aplicar diretamente a estrutura do Witz ao passe, que não é exatamente o esquema das formações do inconsciente. Mas, se pudermos seguir isso, é como se a cada vez o cartel do passe passasse o passe novamente. Mais uma vez como Lacan diz, ele está na posição do sujeito que é tocado, surpreendido pelo termo de final de análise, e não na posição do supereu. A princípio, o supereu, se transformou para o passante em objeto *a*. Ele não está mais se endereçando para o supereu, o cartel não entra na história como supereu, seria mais pelo lado do sujeito.

Romildo do Rêgo Barros: Bom, a discussão está girando em cima do que foi discutido da última vez. Tem uma questão nessa passagem entre a Stella e Marcus, que mostra bem. É como se não houvesse nada entre a experiência clínica de fato e a experiência institucional do passe, senão seria uma coleta de informações, e há duas coisas pelo menos que objetam a isso. Uma, é o efeito surpresa no Outro, a outra é o efeito, digamos, analítico da experiência do passe sobre o Analista da Escola, o AE, expassante. Eu me lembro quando Marie-Hélène Brousse esteve aqui, há alguns anos, e

falou dos efeitos sofridos pela experiência de AE. Curiosamente, mas não por acaso, certamente, são duas características fundamentais da interpretação: os efeitos de surpresa e o efeito de transformação. Eu iria um pouco na direção do que o Marcus estava dizendo, para ratear um pouco a exigência em cima da noção de ato e talvez concentrar, digamos, no que poderíamos chamar de efeito de objeto na experiência do passe. A surpresa do Outro e a transformação subjetiva do sujeito no passante e no AE. Isso não resolveria a questão, mas parece que desenha um pouco melhor a área onde se dá essa passagem do passe clínico para o passe instituidor.

Heloísa Caldas: Quando li esse texto que Marcus indicou, pensei que essa lógica do Witz, em que o terceiro sanciona, é o ponto onde a interpretação se dá. Queria discutir a partir disso a questão da nomeação do AE, e do AE como aquele que interpreta a Escola. Com essa nomeação, o AE está na posição de interpretar a Escola. A interpretação daquele momento em que a surpresa foi colhida, justamente não é o momento que se vai. O Marcus diz que se vai recolher não o esperado, mas pelo contrário, o inesperado, que faz com que algo continue do trabalho, e que faz avançar a Escola, que reivindicava um saber sobre o que é um analista.

Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros: Marcus trouxe a dimensão do Witz no dispositivo do passe, e também a política do passe, e seu efeito na instituição. Como você trouxe aqui, o AE interpreta a Escola, e ele fura a Escola na hora em que ele, analisante, traz para o passe a sua experiência de análise, é o que isso tem da estrutura do Witz. Quer dizer, ele vai ser aceito, vai fazer parte da instituição não como exceção, alimentado pelo valor fálico da Seção. Então, ele tem que dar uma rasteira, furando o valor fálico da Seção e trazendo esse a mais de prazer, esse a mais de gozo que é próprio do Witz. Esse a mais também traz a dimensão da singularidade de cada um, já que cada um vai escutar o Witz a partir de si próprio, da sua própria identificação com o falo como exceção bem singular.

Podemos pensar nos efeitos políticos do passe para a instituição. Ele fura a instituição quando escreve os analistas não como exceção fálica, mas ao dar um sentido único a cada um. O passe daria uma rasteira na idealização de que alguém teria sido escolhido em sua nomeação, para fazer valer a singularidade de cada um, a singularidade que fura a instituição. Esse é um dos efeitos políticos do passe. Nessa direção então, se a instituição tem um AE, quer dizer, uma pessoa que passou pela experiência, qual é o efeito que isso vai ter, e como vai reverberar na produção dos analistas daquela comunidade, o que isso vai colocar na entrada da instituição, não pelo modelo do falo como exceção, mas da singularidade a partir desse a mais de prazer.

Ana Lúcia Holck: Eu acho muito importante esse aspecto que a Rosário trouxe sobre a questão da singularidade, que é um aspecto do Witz, que nós não tínhamos mencionado antes. A singularidade não é só de quem enuncia o Witz. Ela é surpreendida por sua produção, e pode fazer com que o outro também se coloque de forma singular ao escutar e ao rir, já que cada um vai rir do seu próprio sentido. Então, pensei que, além da surpresa que se produz, há algo que é inesperado para o AE. Discutindo o caso clínico ou falando sobre isso, qual é a marca do seu sintoma, o que você vai fazer com o seu sintoma, se você abrirá mão dele ou se o incluirá. Isso é uma coisa que acontece em parte e que surpreende o próprio AE, pode surpreender o cartel também. Isso talvez propicie que cada um fale desse lugar, não de forma exemplar, mas com a estrutura do Witz, em que há um momento em que o sujeito produz algo da ordem da singularidade que também pode produzir algo do tipo para quem escuta.

Marcus André Vieira: Gostaria de insistir nessa função terceira, que é muito mais uma função do que propriamente alguém. Lacan justamente aposta no cartel para dar lugar e endereço para isso. Lembro de uma piada: alguém passando no pátio do hospício ouve um louco rindo e pergunta de que ele ri. A resposta é: adoro me contar piadas e essa última eu não conhecia. Justamente, essa piada traz o absurdo que seria o apagamento da terceira pessoa. Aquele que cria o Witz não ri, aquele que sofre o Witz

acaba rindo, mas só depois do efeito atestado no terceiro. E o terceiro não é nem um nem outro. Para Lacan, o terceiro, tal qual ele trabalha muito no *Seminário 5*, é uma entidade, é justamente quem fica no ar, de forma mais indefinida e que você não percebe ao fixar um endereçamento.

Sobre a surpresa, ela pode atingir a todos. É preciso pensar que é o cartel que vai se surpreender, mas esse efeito pode se espalhar por todos. Assim, voltamos à questão do supereu. Estou aqui contando uma piada, mas será que todos vão rir? Essa é a função do supereu, que pode se confundir com a do terceiro. A facilidade de Lacan em localizar o terceiro é que, nesse momento, a função do supereu já foi reduzida a um objeto.

Ana Lúcia Holck: No Witz não tem isso.

Marcus André Vieira: Acho que não. No Witz você consegue reduzir o supereu a um terceiro que ri. Isso é todo o processo do Witz.

Ana Lúcia Holck: Não tem um pensamento antes, se vai ser aceito ou não, é algo que sai.

Marcus André Vieira: Aí o vazio funciona ou não.

Ana Lúcia Holck: É como o ato.

Marcus André Vieira: Mas você não está pensando se vai ou não conseguir, e aí podemos fazer uma analogia com a piada.

Ana Lúcia Holck: É como contar uma piada, você tem que pensar como vai fazer, de que maneira vai ser engraçado, se você fará o outro rir. O Witz é sai como ato, pode fazer rir ou não. Não quer dizer que se não fizer rir não é Witz.

Marcus André Vieira: Mas, para ele sair como ato, justamente o supereu já tem que estar reduzido em algum lugar, colocado nessa função terceira.

Stella Jimenez: Afinal, não é muito imaginar que aquele que se submete ao dispositivo do passe não está preocupado com a resposta.

Marcus André Vieira: Podemos tentar separar a produção do Witz da pessoa que o produz. Em sua estrutura, se o Witz é enviado e funciona, de onde ele partiu? Não foi de alguém que estava preocupado com o supereu. Se houve essa produção, não foi tendo como parceiro o supereu.

Romildo do Rêgo Barros: Há também um aspecto da estrutura do Witz em que abstraímos um pouco essa ideia do riso. É o que Lacan fala na "Carta aos italianos", que discutimos aqui tempos atrás, sobre o reconhecimento da marca. Isso poderia ser também uma função da terceira pessoa. Ou seja, existe a estrutura ternária do Witz, mas um dos efeitos bem mais próximo da ideia do passe seria o reconhecimento da marca do sujeito, essa marca que faria com que o cartel dissesse: ele é como uma "peça de Molière", ele é digno de entrar, algo assim.

Ana Lúcia Holck: Eu não sei se a pessoa que vai fazer o passe não está com menos preocupação com o resultado, acho que a questão não é essa. Não se trata de uma prova ou um teste, e você nem está falando com a pessoa com a qual obterá o aval, que vai dar a resposta, você só pode contar com a sua experiência. Assim, vamos supor, uma pessoa que faz o pedido para ser AE e não recebe a nomeação. De qualquer maneira, ela passou pelo dispositivo. Essa passagem, por alguma questão, tem uma resposta do cartel, mesmo que não tenha havido nomeação. O que ela tinha para dizer, ele disse, e não poderia dizer de outra maneira. Se o cartel funciona, acho difícil que

ela fosse dizer de outra forma. Eu acho que é nessa direção que podemos considerar que não há expectativa.

Romildo do Rego Barros: Talvez nós disséssemos se houve ou não expectativa, mas será que mudaria na ida e no retorno? Quer dizer, digamos, se pudéssemos pensar que existe uma espécie de exclusão do efeito patológico, no sentido de uma espécie de efeito sentimental do passe, tanto faz se a pessoa que demanda receber um sim ou um não. De qualquer maneira, a ida e a volta da estrutura do passe como análoga ao Witz fica, digamos, garantida; todo o resto patológico do passe é inerente a ela, tanto por um lado, como pelo outro, para o riso ou para o choro.

Ângela Batista: À propósito do efeito analítico do passe, me lembrei do passe de Xavier Esqué. Durante o depoimento do passe, ele faz uma pergunta sobre o sentido do passe quando interpela se o amor feminiliza e se pergunta como amar uma mulher e não (...) e volta para a análise. Então, acho muito interessante esse aspecto que você falou do efeito visceral do passe, dos efeitos analíticos do passe, independente do estatuto do gozo, para além do gozo.

Stella Jimenez: Queria perguntar à mesa, pois acho que não fui entendida. Como vocês entendem essa frase na qual Lacan propõe articular o ato inaugural ao ato analítico? Ou seja, entendo o que ele está querendo dizer, já que para ele não são dissociados e que o dispositivo do passe sancionaria, avançaria de forma (...) o ato analítico, mas ele diz que alguma coisa separa, quando existe a dimensão do fiasco e que essa dimensão do fiasco prova o ato, prova a existência do ato (...).

Marcus André Vieira: Eu entendo o ponto, mas não sei onde está no texto. Faz parte da definição do ato que ele seja um fracasso, do contrário não nos aproximaríamos do ato falho, que é o que Lacan parece indicar. Ao mesmo tempo, nem todo fracasso é um ato. Existe algo dessa ideia de Lacan que talvez nos ajude a distinguir uma coisa da outra, em torno da noção de fracasso e sucesso, mas acredito que teremos que trabalhar mais nesse ponto. Acho que a pista é justamente essa aproximação com o Witz.

Por exemplo, vou fazer uma prova, tenho que dar uma aula e, na hora, faço o Witz, que é um fracasso como prova. Tenho que apresentar um currículo, e aí faço uma besteira, mas justamente aí é que ele é bem sucedido. O passe seria um dispositivo concebido para recolher esse tipo de fracasso, que é o sucesso do ato analítico.

Ana Lucia Holck: O Miller fala isso, se não me engano na lição XII (Sem OL atual). Ele fala que o que AE pode demonstrar é o seu próprio fracasso, fracasso nesse sentido, não seria o ato.

Heloisa Caldas: Você tocou nessa questão do fracasso que o AE mostra, e eu tinha entendido que se tratava de que o AE dá provas de como ele lida com o impossível. Ele lida com um ponto que é exatamente o ponto do fracasso, é o próprio fracasso da nomeação. A possibilidade da não relação é algo que se pode ver sob o ângulo daquilo que o AE dá provas no seu ato clínico de final de análise, e que ele leva para o cartel. Acho que se trata da mesma questão que o cartel vai nomear, e vai nomear o que é um analista numa Escola e numa doutrina onde já sabemos que não há "o" analista. É aí que o Um é sim e ao mesmo tempo já é não, mas não serve para outro, no sentido de que não dá para padronizar. Do fato da nomeação, há a falácia significante. Há nomeação e, se não der certo, ela claudica. É o que faz com que a gente não ache graça da piada na segunda vez que é contada, já que ali já se recortou um campo no qual se pode ter algo a esperar de surpresa, e também do que ficou opaco, pois já se gozou daquilo. Então, tenho a impressão de que o fiasco tem a ver com o próprio ato de nomear.

Maria do Rosário C. do Rêgo Barros: Nesse caso, o não ser nomeado também teria que ser incluído neste sistema. Uma Escola tem que poder incluir isso, que o não-nomeado não seja uma indicação de que não há analista, um absoluto. Algo foi passado, mas não foi definido. Então, uma instituição pode ser catastrófica para aquele que não foi nomeado. Temos que saber tirar consequências dessa estrutura do Witz, muito mais do que a gente pensa e do que temos feito, não só dos nomeados, mas também dos não-nomeados.

Stella Jimenez: Trata-se de algo importante. Pode ser catastrófico para o sujeito que ele não seja nomeado, ainda mais se, digamos, o cartel está sendo colocado como supereu e não como terceira pessoa.

Interessante a fórmula que foi estabelecida, a de que não ocorreria um acontecimento como inesperado. Assim, o depoimento não traz nada de novo, então, nesse momento, não existiria fiasco, pois o fiasco é algo que é completamente inesperado.

Fernanda Dias: A palavra fiasco, para mim, é colocada com uma conotação de fracasso. Mas do jeito como você a tomou, me remete ao que Miller trabalha bastante nessa introdução do *Seminário 5*, quando ele fala do significante novo. A característica desse significante é ter algo que sai do código. Então, seria isso o que vocês colocariam?

Stella Jimenez: Minha ideia é que o cartel não ri, ou seja, é a terceira pessoa quem vai rir do cartel então, é de estrutura.

Maria do Rosário C. do Rêgo Barros: O riso seria um a mais de prazer.

Stella Jimenez: É um a mais de prazer, mas pode ser uma surpresa, uma surpresa que pode ser um fiasco. Estamos esperando que a pessoa ria do atravessamento da fantasia. É nesse sentido que o fiasco é algo novo que, de alguma maneira, suporta a estrutura.

Ana Lúcia Holck: É nesse sentido que é decepcionante, no sentido de não corresponder, e é por isso que o fiasco é uma surpresa.

Marcus André Vieira: Na primeira parte da página 270 há uma sequência em volta desse campo semântico. O original é *rater, ratage*. Mas, para deixar preservado o *échec* para fracasso, optamos por variações em termos de erro, fracasso, fiasco. Então, quando Lacan usa *échec*, usamos fracasso, e quando ele usa *rater*, dizemos fiasco, ou palavras próximas.

Stella Jimenez: Comparando com o que ele diz na proposição, o fato de ter sido um fiasco é a garantia do sucesso. Eu acho que o fiasco é, nesse sentido, algo completamente surpreendente.

Marcus André Vieira: "Minha proposição reside nesse ponto do ato; pelo qual se revela que ele nunca tem tanto sucesso como ao falhar [...]". Este é o ponto que a Stella quer marcar.

Ana Lúcia Holck: Agora, o ato instituidor, digamos, já se abstrai.

Marcus André Vieira: "Já o instituidor só se abstrai do ato analítico quando produz nele uma falta, justamente por ter conseguido pôr o sujeito em questão. É pelo que tem de fracasso, portanto, que o sucesso chega ao caminho do psicanalisante, quando é o *a posteriori* do desejo do psicanalista e das aporias que ele demonstra"³. Então, é bem isso o que a Stella está falando.

² Outros Escritos p. 270.

³ Ibid.,

Romildo do Rego Barros: Resumindo um pouco o que está sendo dito, o fiasco é o indício e o signo de que se atingiu a singularidade. Quer dizer, só há passe se algo inédito é dito. Então, na verdade, o que fracassa é a história do passe, a tentativa de se contar sua história, algo que tentaria fazer consistir o universal no passe. Então, só há passe quando há singularidade. Não há história do passe se justamente seu fracasso é que marca a singularidade, e que torna possível a ideia do passe.

Ana Lúcia Holck: A história do passe ou a história da análise?

Romildo do Rego Barros: A história do passe. Por exemplo, é evidente que pode haver uma história da instituição do passe, podem ser ditas as tendências e etc. Mas, o coração do passe não pode ser abordado, porque ele só é tratado um por um. Ele nunca constitui um universal. No entanto, há o passe quando existe o fracasso, o fracasso de que um passe equivale a um próximo passe, que haja uma passagem de um para o outro. Só há o passe quando existem as singularidades, e cada singularidade é o fracasso do universal do passe. O efeito surpresa é o afeto do fracasso.

Maria do Rosário C. do Rêgo Barros: A singularidade, que transcende o universal e que demonstra o inédito da comunidade analítica na sociedade, tem também esse efeito para a própria comunidade. O passe fura e institui todo o tempo a instituição psicanalítica. O próprio passe institui o passe.

Se pensarmos a história do passe, normalmente o que era privilegiado no testemunho do passe em um determinado momento era a dimensão da fantasia, 'maquiar' o Outro. Nós podemos extrair de dentro da história do passe alguns significantes de seus testemunhos. Mas isso é uma história que é furada pela singularidade, e o que é interessante é justamente esse furo, pois haveria uma padronização qualquer, se não se tratasse de um algo analítico. Se fosse só uma avaliação, digamos, da universidade, sem qualquer controle no lugar do supereu, e se não tivesse no cartel a dimensão do Witz, uma padronização poderia funcionar. Mas o passe não se padroniza; ou ele se padroniza a si próprio todo o tempo. É isso que pode dar um efeito na comunidade analítica, para que se possa arriscar e surpreender o Outro, e ser surpreendido pelo passe. Há também uma tendência dentro da comunidade de repetirmos o mesmo sobre o AE. Mas o efeito do passe é justamente o de solicitar a singularidade de cada um.

Ana Lúcia Holck: Marcus trouxe algo bem pontual do texto do Lacan. Gostaria de perguntar como é que você pensou em fazer a articulação da estrutura do Witz com o que estamos chamando de política do passe na Escola.

Marcus André Vieira: Não pensei muito em uma forma, mas do jeito que está, está muito bom. Recentemente debatemos o filme "Nossas inquietações", em que vemos pessoas mais ou menos normais, falando mais ou menos normalmente sobre o que é uma análise extraordinária, de caráter também extraordinário e ficamos impressionados. A gente não vê e não está habituado a ouvir alguém falar da análise daquele jeito, nem o próprio AE. Essas pessoas trazem coisas, das simples às complicadas, de maneira mais pé no chão. Isso tem a ver com a surpresa, e também com a singularidade, que não necessariamente aparece em um dito espetacular. Nesse sentido, acho que ninguém tinha pensado um pouco mais sobre o que você está perguntando, justamente na relação do que estamos discutindo com a admissão de membros – questão que se deve colocar, já que é muito presente na nossa Escola. Mas será que o Conselho de Escola, quando pensa na admissão de membros, ele tem como pensar em algumas relações com o que estamos discutindo? Não há como fazer isso ou é tão complicado que a gente vai deixar para o dispositivo do passe?

Manoel Motta: Por acaso, isso que o Marcus está falando tem a ver com o que vou dizer e que eu já tinha pensado antes, mas no sentido mais singular. O Jacques-Alain Miller, atualmente, está propondo que nesta próxima Jornada se fale a respeito da nossa

relação com o inconsciente, por exemplo a partir de lapsos, de formações do inconsciente de forma geral, e de elementos também relativos ao passe. Então, vou contar um pequeno detalhe sobre o que a Stella falou e que me lembrou de uma entrevista realizada por mim há muito tempo na Escola. Foi, talvez, a entrevista que me causou mais surpresa, causou realmente tanto espanto que fiquei muito angustiado, o que não é a minha tendência em relação à essa experiência. Depois, até fiz muitas outras entrevistas no quadro do conselho da Escola que nem sempre eram muito simples, mas nenhuma me produziu esse efeito.

Havia já aderentes, correspondentes e membros, e havia uma regulação local que cuidava disso. Eu dormi um pouco no ponto e deixei uma pessoa esperando. Aí, quando veio a segunda entrevista, a demanda já era de um tipo diferente e com uma insistência, uma certeza, um caráter muito especial, que me chamou tão particularmente a atenção que eu nunca me esqueci disso. Lembro-me que essa pessoa já tinha pensado em fazer o passe, é o caso de Ana Lúcia. Havia uma demanda na posição subjetiva dela, algo que era absolutamente singular já naquela época, e diferente da forma da maior parte das pessoas se colocarem em relação à análise. Esse é um depoimento verdadeiro, e isso não quer dizer nem que eu tivesse também a maior das simpatias pela pessoa da Ana Lúcia.

Leda Guimarães: Sobre essa questão do efeito surpresa e do dispositivo do passe, que o aproxima do ato analítico, a minha experiência do cartel aqui no Brasil foi a de que só conseguimos nomear quando ele ocorreu e tomou conta de todos os componentes do cartel, e já tínhamos recebido vários depoimentos. Então, o efeito surpresa aqui não dava lugar para a dúvida. De fato, uma nomeação tem que ter este efeito surpresa, pois tem algo de inteiramente novo, de fino, que se impõe além da construção de saber e do que cada um dos componentes do cartel concebem o final de análise. Nesse momento, não há propriamente uma checagem no que cada um supõe ou sabe, ou supõe que sabe o que é um final de análise. Até mesmo o cartel formado por ex-AEs, em que cada um tem a sua experiência de final de análise, de algum modo são experiências de final de análise diferentes. Neste momento, não houve uma preocupação, um interesse em uma checagem; se aquilo, de fato, está condizente com o que eu suponho que seja o final de análise.

Você disse assim: os que terminaram a sua análise e se dirigem ao dispositivo do passe, eles precisam desse dispositivo do passe institucional como garantia da passagem de analisante à analista. Eu considero que não, absolutamente não. Aquele para quem o final de análise não produziu essa autorização por si mesmo, que não precisa da Escola para dizer que é AE, se sentiu autorizado pelo ato analítico. Então, aqueles que se dirigem ao passe por excelência, a não ser aqueles que recebem a nomeação de AE quando o cartel, realmente, nomeia bem, é que não precisa do cartel nem da Escola para se colocar nesse lugar de que se autoriza por si mesmo, não precisam do cartel nem da Escola para autorizar-se com a nomeação de analista.

Romildo do Rego Barros: Mas, aí volta a pergunta: por que, então, eles procuram?

Leda Guimarães: Então, quando o cartel, de algum modo, verifica nos depoimentos algo de certa demanda, uma espera de certo efeito analítico que o cartel possa produzir, ou que a nomeação possa produzir, é a indicação que esse sujeito precisa se render à análise. Aquele que é nomeado é aquele que não precisa mais, já que não está demandando o efeito de surpresa em si mesmo. O surpreendente que ocorre é quando esse nomeado que já não espera mais isso pelo suposto saber possa ser tomado de surpresa, de verificar efeitos analíticos em si. Com a nomeação, por exemplo, como foi o caso de Esthela Solano em seu testemunho como AE, ela se surpreendeu com a nomeação, que produziu uma angústia tal que a fez retornar à análise enquanto fazia exercício de AE. O que produziu para mim efeito de surpresa não foi a nomeação, mas a comunidade, produzindo algo novo depois de eu ter terminado a análise. Esse mecanismo indicava um retorno à análise. Eu diria que esse efeito surpresa que se produziu no AE, digamos, é da ordem da contingência. Creio que o cartel é indispensável

neste ponto, porque se produz um ensinamento de um final. Aqui há um final, algo inteiramente novo e não concebido, e se espera que a nomeação de AE produza efeitos analíticos na comunidade. Acho que esse é um dos objetivos do passe. Agora, que isso produza efeitos surpresa no nomeado, isso aí será uma contingência, um acréscimo que se pode ganhar ou não.

Stella Jimenez: Justamente é contraditório que uma pessoa volte para a análise depois da nomeação, em que se verifica ter atravessado e ter chegado a esse lugar de inconsciente real.

Luis Moreira: Queria que o Marcus falasse um pouco sobre a aleatoriedade, digamos assim, do estatuto do público no Witz. O público não seria a não aleatoriedade do público do passe?

Marcus André Vieira: O primeiro elemento é o público do Witz, que deve ser completamente aleatório, você então quer fazer a diferença entre os dois. Estou supondo que a sua pergunta seja que o público da Escola não é aleatório, mas o público do Witz, sim.

Romildo do Rego Barros: Não sei se é melhor. O que você está colocando é que o público da Escola não pode ser aleatório e o público do Witz pode, mas tem que ser dentro dessa ordem.

Marcus André Vieira: O público do Witz de Freud tem que ser da paróquia, talvez seja ali uma dimensão distinta da nossa paróquia. Porque você tem que estar, segundo Freud, no mesmo campo das inibições que o produtor do Witz, você, como a vítima, tem que partilhar das inibições, senão, não haverá prazer. Ao mesmo tempo, é na terceira pessoa, que está meio descolada disso que haverá o prazer da surpresa. Então, se misturamos tudo e colocamos as três funções em duas pessoas apenas, como é a situação mais habitual, tendemos a dizer que ele deve ser da paróquia, tem que estar na mesma paróquia, mas não pode estar muito dentro dela. Fica bem melhor se distinguimos as três funções como faz Freud e como Lacan indica que devemos fazer com o passe.



Copyright © Subversos e Escola Brasileira de Psicanálise Seção Rio
Direitos desta edição reservados à Editora Subversos, 2012

Q3
O QUE SE PASSA? Análises lacanianas e outras histórias / organizadores Ana Lucia Lutterbach Holck e Andréa Reis Santos. - Rio de Janeiro: Subversos, 2012.
300 p.
ISBN 978-85-62062-04-9 (broch.)

1. Psicanálise. 2. Passe. 3. Testemunho. 4. Transmissão. 5. Fim de análise. I. Holck, Ana Lucia Lutterbach. II. Santos, Andréa Reis.

CDD 150.195
CDU 159.964.2



SUMÁRIO

PREFÁCIO <i>Paula Borsoi</i>	9
APRESENTAÇÃO <i>Andréa Reis Santos</i>	13
INTRODUÇÃO <i>Ana Lucia Lutterbach Holck</i>	20
PARTE 1: POLÍTICA DO PASSE	
UMA ESCOLA DE AE? <i>Lêda Guimarães</i>	27
AUTORIZAR E HISTORISTERIZAR <i>Stella Jimenez</i>	60
ANÁLISE E PASSE: CALIBRES DIFERENTES <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	88
PASSE E WITZ <i>Marcus André Vieira</i>	123
PASSE INSTITUCIONAL E PASSE CLÍNICO <i>Fabián Naparstek</i>	149